

Luis Eduardo Villaça Leão

“Não consigo me imaginar fora da Escola”

Acho que uma das coisas que melhor caracteriza minha vida é a relação que tenho com a Escola Paulista de Medicina. Tudo está muito ligado a este ambiente... Desde a escolha no vestibular, tudo passa por aqui. Foi onde tive minha formação, fiz mestrado, doutorado, livre docência, concurso para professor titular... Aliás, fui o titular mais jovem da Escola! Acho que meu percurso é realmente diferente...

Nasci em São Paulo e, desde que me conheço por gente, quis ser médico. Meu pai era médico, formado pela USP em 46. Então, acho que desde criança eu já dirigia meu gosto pra isso. Nunca sequer pensei em outro caminho que não fosse a medicina... Gostava de ver os livros do meu pai, ir ao laboratório que ele tinha... Sempre tive muito gosto por isso.

Estudei praticamente todo o ensino básico e fundamental no Colégio Rio Branco, e prestei vestibular no último ano do científico, em setembro. Uma turma grande do meu colégio entrou na mesma leva. No primeiro ano, tinha a panelinha do Rio Branco e a panelinha do Bandeirantes – que até hoje estão por aí. Depois, meus filhos acabaram estudando no Colégio Bandeirantes, por questão de proximidade.

Passei a frequentar a Vila Clementino no final de 1970, e desde então nunca saí! Só para ir ao exterior algumas vezes. Acho que, tirando São Paulo, o lugar em que mais vivi foi o exterior mesmo... Nunca tive nenhuma atividade fora dessa cidade, nem desse bairro.

A primeira coisa curiosa na minha vida com a medicina começa no vestibular, que na época era o Cecem. Esse é um dado difícil de se apurar, mas minha primeira opção foi a Escola Paulista, por razões que até hoje não entendo bem. O usual era colocar a Faculdade de Medicina da USP em primeiro lugar e, a partir da segunda opção, havia variações... Alguns

escolhiam a EPM, outros a “segunda USP”, que era experimental... Acho que eu fui um dos únicos que colocou a Escola Paulista em primeiro lugar.

Até hoje não entendo bem o porquê... Realmente não sei se foi um impulso de ocasião... Não lembro se foi por causa do negócio da Paulipoli, ou por ter ouvido no cursinho que na USP só tinha CDF, que a Paulista era mais legal... Não sei! Mas foi uma decisão daquelas que um moleque de 17 anos toma... E meus pais não tiveram influência nenhuma nisso, me apoiaram sempre...

Naquela época, a colocação do vestibular não era divulgada, mas três ou quatro anos depois se divulgou. Um colega da USP foi ver no Cescem e me disse que eu entrei em primeiro lugar, mas nunca corri atrás disso... O que importa é que fui bem no vestibular e entrei aqui. Gostei logo de cara! Na verdade, gostava – e ainda gosto – do ambiente de escolinha... Mas agora, quando estou no Conselho Universitário vendo o Hospital e o nosso campus tão pequenininhos dentro do contexto da Unifesp, sinto que as coisas estão diferentes...

Acho que, aqui dentro, fui um bom aluno. Posso dizer que o que me caracterizou, desde a primeira chance que apareceu, foi que sempre tive muitas atividades extracurriculares. Já no primeiro ano, eu ficava na anatomia, ajudava a dar aula... No segundo ano, me tornei um dos primeiros monitores oficiais – tanto que minha conta do Banco do Brasil tem um número bem antigo, da época em que eu recebia a bolsa de monitoria...

No meu terceiro ano de escola, tive dois professores da cirurgia cardiotorácica – na verdade, da cirurgia cardíaca, mas na época elas formavam o mesmo departamento – que vieram fazer tese na Anatomia. Eles me convidavam para assistir e participar das cirurgias, e já comecei a me infiltrar! Sempre que eu tinha buraco na grade horária, aparecia. Ajudei em trabalhos, participei de cirurgias, participei de extracorpórea, fiz plantões noturnos... Me dava bem com todos os professores! Passei muito da minha vida ligado à cirurgia cardiotorácica e lá tive muitas chances. Naquela época, uns quatro ou cinco médicos foram embora de uma vez e, mesmo antes de me formar, acabei ocupando aquele vácuo... Sempre

precisavam de alguém pra entrar na cirurgia ou ajudar no pós-operatório, por isso tive muitas oportunidades.

O professor Constabile Gallucci, que na época era o professor titular, teve uma influência enorme na minha vida! Ele tinha uma série de atribuições – era chefe do departamento, entre várias outras coisas – e já não era tão ativo. Mas dava um suporte de informação e de amizade muito grande! Ele foi quase um segundo pai pra mim... Não ocupando o espaço do meu pai, claro. Mas foi o meu pai científico, o meu pai ético, o meu pai em muitos sentidos. Ao longo dos anos, ele ia deixando muito claro que eu deveria seguir a carreira universitária, por ter algumas características próprias de um professor universitário... E é aquela história: de tanto falar a gente acaba se convencendo!

Naquela época, a pós-graduação nas áreas clínicas, como a nefrologia e a pneumologia, já estava bem madura... Mas nas áreas cirúrgicas era crua. Estava começando. E o professor Gallucci foi o primeiro coordenador do curso. Como eu era a pessoa mais próxima dele, ajudei muito! Aliás, acho que ajudei... Ele disse que ajudei... Dessa forma, eu também pude fazer minha pós-graduação relativamente rápido: em 1981 acabei o mestrado e em 1983 eu acabei o doutorado. Tinha me formado em 76. Entrei na residência aqui em primeiro lugar. Na época, a gente só escolhia entre cirurgia geral e cirurgia torácica no fim... Passei pelas duas, mas não tinha a menor dúvida de que iria para a torácica.

Nesse período também havia um vazio na área de cirurgia de cardiopatias congênitas, que até hoje trata de doenças muito graves, de risco muito alto... Então, também tive várias chances. O Toreno me mandou para o exterior três vezes: primeiro para a Argentina, que tinha um serviço muito bom, e depois para os Estados Unidos, em 81 e 83, sempre tentando aperfeiçoar essa área.

Fiquei muito tempo da minha vida fazendo cirurgia torácica e cardíaca, em geral, mas muito dedicado à cirurgia de cardiopatia congênita, que era gratificante quando se tinha um bom resultado, mas que tinha uma mortalidade muito alta... A infra-estrutura que a gente

dispunha aqui também era muito precária. Um tempo depois, surgiram outras pessoas de fora, e eu acabei me afastando um pouco dessa área.

Envolvi-me muito na cirurgia cardíaca em circulação extracorpórea, de proteção do miocárdio, em transplante cardíaco, e fui para os Estados Unidos de novo. Como eu era bem sistemático e tinha facilidade com a língua e em me relacionar no exterior, acabei sendo a pessoa que saía do país para pegar as coisas importantes. Quando voltei, era a época em que os transplantes estavam recomeçando aqui no Brasil. Fizemos algumas padronizações, orientados pelo professor Enio Buffolo, e usamos bastante esses conhecimentos.

No começo, eu também trabalhava na clínica particular do professor Enio, e por volta de 84 ou 85, resolvi ficar só aqui e passei a me dedicar ainda mais à Escola. Claro que nós nos respeitamos muito, mas na ocasião houve um certo estremecimento... Na vida particular, me associei ao Dr. José Ernesto Succi, um outro médico extremamente competente formado aqui, alguns anos antes de mim. Até hoje trabalhamos juntos.

Nessa época, eu também me senti meio vazio... E me convidaram para dar aula na Faculdade de Medicina do ABC. Existia um problema enorme: o professor tinha sido afastado pela justiça, os alunos estavam em greve... Uma confusão! Apesar de nunca ter gostado de sair daqui, essa situação me sensibilizou... E, além disso, como eu tinha espaço livre na minha vida, fui... Na época, tinha um assistente que me deu uma força grande, o Dr. Adilson Pires. Hoje ele é professor titular de lá. Fiquei três anos dando aula, e é completamente diferente! O aluno suga o que pode do professor, desde a hora em que você estaciona seu carro! Eles eram ávidos por conhecimento!

Nesse meio tempo, a livre docência da Escola estava recomeçando. Acho que tínhamos ficado uns 20 anos sem concurso... O professor Gallucci, que nessa época já tinha tido parada cardíaca e estava com marcapasso, chegou pra mim e falou: “Leão, você vai fazer livre docência”. Fiquei em dúvida se eu tinha competência, se era a hora certa... Mas o doutor Gallucci me deu uma força enorme e disse que eu faria de qualquer jeito.

Lembro perfeitamente disso tudo. Na minha frente, ele ligou para outros professores mais velhos que eu, dizendo que poderia abrir o concurso de livre docência e que achava que eles deveriam fazer... Ninguém quis. Ele falou: “você vai fazer livre docência e acabou”. Devo ter sido o quarto ou o quinto professor, nessa nova fase, a prestar o concurso... Posso dizer que até hoje isso tem muitas conseqüências na minha vida e na minha carreira...

Não lembro bem o termo que o professor Gallucci usou, mas era aquela história: “você fez tudo direitinho: fez mestrado, fez doutorado, ficou um tempo no exterior, foi várias vezes para o exterior, e agora tem plenas condições de fazer livre docência. Se alguém não quer fazer, não é problema seu”. Repito: isso é muito importante na minha vida porque tem conseqüências até hoje... Como outras coisas, gerou alguma ciúmeira ou coisa parecida...

Mesmo assim, prestei o concurso e fui muito bem. Naquela ocasião, o professor Enio Buffolo já era titular, porque, por seu mérito enorme, conseguiu-se na congregação uma vaga pra ele. Então, a disciplina de cirurgia torácica já tinha um professor titular. Mas passou-se um tempo, entre oito meses e um ano, e a saúde do Dr. Gallucci começou a piorar um pouco... O professor Pedro Gereto, que é um indivíduo fantástico, professor da anestesia, era chefe do departamento e me deu uma força muito grande: “Leão, você vai prestar o concurso de titular. O Dr. Gallucci vai ter que se aposentar”. Ele se aposentou um pouco antes da compulsória e acabei ficando com a vaga dele.

No dia do concurso, porém, aconteceu uma coisa muito interessante. Na argüição do memorial, o Dr. Gallucci bateu muito em mim... Pegou pesado dizendo que eu era novo demais para assumir como titular. Na leitura das notas, vi que alguém me deu nota mais baixa... Depois, descobri que tinha sido ele. Fiquei muito chateado por uma semana... Passou... Mas só depois de muitos anos comecei a perceber as razões: ele me bateu para os professores de fora não baterem, e também para eu pensar sobre minha maturidade.

Recentemente, estive numa banca na USP, de um candidato bem mais novo em relação aos outros. Falei várias vezes isso para o candidato na argüição, mas ele não captou... Para

mim, não foi bom ter sido titular tão jovem. Talvez eu não tivesse maturidade, mesmo... Talvez eu tenha sido vítima de sentimentos pouco nobres: ciúme, inveja... Talvez por algumas coisas próprias da minha personalidade... Acho que tudo tem a hora certa. Naquela ocasião, surgiu a oportunidade e eu faria de novo. Mas, isso me prejudicou de alguns pontos de vista...

Tornei-me o professor titular mais novo da escola. Minha posse, se não me engano, foi em fevereiro de 1990, poucos dias depois da Zélia, a ministra, pegar a poupança de todo mundo. Era o assunto da ocasião! Dentro da Escola, eu também fui assunto. Saiu muita coisa, no jornalzinho da Escola, dizendo que eu era o titular mais novo da escola... Da minha turma, eu também era um dos mais novos, porque entrei com 17 e só fui fazer 18 em junho... Isso tudo começou a circular... Recentemente, passei algumas fitas para DVD e ouvi novamente meu discurso. Eu realmente tinha muito gás! Na fala, na postura, em tudo! Estava muito animado... Mas não sei se fiz justiça a tudo isso...

Fiquei naquela disciplina que era chamada de torácica por mais uns três anos, mais ou menos – mas a disciplina de tórax, naquela época, já era muito mais cardíaca. Então, o Dr. Enio teve a idéia de que nos separássemos e formássemos duas disciplinas: uma de cirurgia cardiovascular e outra de cirurgia torácica não-cardíaca, o primo pobre. Esse processo costuma ser lento, mas naquela ocasião a proposta passou rápido pela congregação e pelo conselho departamental.

Assumi como professor titular dessa nova disciplina e vieram para o grupo o Zé Ernesto, o João Aléssio e o Dr. Gilberto, da Broncoscopia. Assim formamos a disciplina de Cirurgia Torácica. Até hoje existe essa divisão: a disciplina de Cirurgia Cardiovascular, com o Dr. Enio como titular, e a nossa – que herdou o nome antigo, mas está muito mais ligada às doenças não-cardíacas.

O começo foi realmente muito duro. Até por ter sido muito rápido, esse divórcio foi muito mal negociado na divisão dos bens. Não tínhamos sala, enfermaria, horário no centro cirúrgico... Nada disso. Tudo teve que ser batalhado com muita dificuldade... Até hoje

nossa enfermaria é pequena e dividida com outras disciplinas... Tive que arrumar leito emprestado, conseguir horário para cirurgias extras... Não tínhamos nem secretária, que só foi arrumada depois que uma pessoa foi colocada em disponibilidade pelo departamento pessoal. Começamos num patamar bem baixo, com muita dificuldade... E durante esse período, eu ficava quase que exclusivamente negociando coisas para a disciplina.

Lá por 94, 95, quando a videocirurgia do tórax começou a aparecer, ocupei esse espaço. Hoje, abandonei completamente minha atividade de cirurgia cardíaca, ainda faço cirurgia torácica geral, mas meu forte tem sido a cirurgia videotoracoscópica. Recentemente, aliás, escrevi um capítulo sobre isso num livro muito importante, o mais clássico na área de cirurgia, que é o Robbie Smith. Então, a minha vida científica e mesmo a profissional – porque as duas acabam se imbricando – tem tido muita relação com essa área.

Olhando para o passado, percebo que comecei fazendo a cirurgia mais agressiva e complexa que existia, a de mortalidade mais alta, e que realmente mexe com a gente: a cirurgia cardíaca infantil. Aliás, até hoje é o grande problema... E agora sou aquele que mais faz cirurgia videotoracoscópica, que é uma operação pouco invasiva, com poucos cortes, e que na maior parte das vezes trata doenças benignas... Isso mudou muito a minha atividade profissional e científica.

No meio dessa trajetória, fiquei algum tempo nos Estados Unidos, principalmente na época em que me interessei pela videocirurgia do tórax. Formei grandes amigos na Harvard, na Universidade da Pensilvania, de Baltimore... E até hoje esses relacionamentos têm sido muito importantes. Tenho contato relativamente freqüente com eles e assim surgem convites, oportunidades de intercâmbio e outras coisas...

Além disso, tenho tocado a disciplina, que hoje tem uma atividade assistencial muito forte. Temos médicos muito bons, que operam muito bem. E temos professores excelentes. Nossa graduação tem sido muito elogiada... O nosso ponto fraco – e esse tem sido, agora, o meu peso – é exatamente a pesquisa. Durante esses cinco ou seis anos, não conseguimos publicar o quanto gostaríamos, e estou me dedicando muito a tentar suprir isso...

De todo modo, tenho algumas participações importantes, por exemplo, em sociedades de pesquisa... Sou membro da Sociedade Americana de Cirurgia Torácica e recebi um convite para integrar a comissão científica do congresso de 2008, que vai ser em Fort Loderdale. Mesmo esse capítulo de livro foi um negócio foi muito importante. Aqui no Brasil eu nunca o encontrei, mas ele saiu na Inglaterra e nos Estados Unidos e teve um impacto muito grande. Pessoas que eu não via há muito tempo escreveram, mandaram e-mail... Isso foi muito bacana.

Por conta dessas relações, eu imagino que tenho um conceito bom. Mas trata-se de uma área difícil. Precisamos de ajuda de pessoas que entendam de estudos clínicos, para montagem de protocolos e outras coisas... Nós operamos muitos doentes, mas não os estudamos. Se estudamos, foi de uma forma que não é aceitável para os *papers* – até porque, como são doenças muito ligadas à alma, têm um resultado muito subjetivo...

Esse é o caso de uma doença que opero muito – uma doença que faz as pessoas suarem nas mãos, nas axilas, na face, e que piora muito quando eles estão tensos ou no calor... É a hiperidrose. Ela afeta enormemente a vida dessas pessoas: desde dificuldades para dar a mão, para ir a uma entrevista de emprego... Isso atrapalha demais a vida deles... Eu, pessoalmente, tenho cerca de 1.500 pacientes operados de hiperidrose nos últimos sete anos. E acabo me envolvendo muito com essas pessoas.

Eu demoro, por exemplo, duas horas para atender um paciente desses. Todos eles – seja a pessoa mais importante, que foi operada no Einstein, ou a pessoa mais simples, que foi operada aqui – querem ouvir. Querem me ouvir. Já temos experiências do assistente operar, mas eles procuram a minha pessoa. É claro que isso de certa forma me engrandece, mas também me sobrecarrega demais.

Pensando no que eu faço, acho gozado. Eu trato câncer de pulmão, que é uma doença muito mais grave; mas quando vem o doente com câncer de pulmão, eu olho a radiografia, examino o paciente, proponho a cirurgia e opero. Por incrível que pareça, é mais fácil

decidir uma cirurgia de câncer, que é muito mais complexa, do que uma cirurgia de hiperidrose – ainda que a de hiperidrose leve quarenta minutos e a outra possa chegar a quatro horas.

Agora, como se formou uma disciplina com um viés muito assistencial, meu papel está sendo pegar pelo menos alguns dos profissionais e introduzir neles um pouco de viés científico. Na cadeira básica, nós encontramos pessoas fantásticas e com número de publicações anuais enorme! E mesmo a produção de um cirurgião nunca possa ser comparada, quantitativamente, com a cadeira básica, temos que nos preocupar com isso. Nunca vamos chegar perto deles, porque o espaço para nós é muito mais difícil – mas temos que lutar! E acho que sou um dos únicos que têm lutado para fazer estudos clínicos em cirurgia.

Minha filha mais velha é bióloga formada na USP e faz doutorado lá no departamento de genética. Na verdade, ela está desenvolvendo a tese no Instituto Butantan, trabalhando com antivenenos recombinantes. A cada ano ela publica dois ou três *papers*, e ainda acha pouco... Na nossa área, seria um número excelente! Ela se chama Luciana, e nasceu em 82, três anos depois do meu casamento. Minha esposa, que hoje é minha ex-mulher, era enfermeira da UTI. Depois ela trabalhou na obstetrícia e, por fim, no raio X, até se aposentar. Tivemos três filhos.

Minha filha do meio, Cristiana, nasceu em 84 e se formou em publicidade e marketing na Escola Superior de Propaganda e Marketing. Ela já trabalhou em duas grandes empresas com marketing – a Johnson e a Philips –, mas começou a achar que é uma vida maçante e quis trabalhar em agência... Agora ela está se questionando novamente... Mas aprendi que publicitário é que nem médico: não tem domingo, não tem feriado, não tem horário de saída... Se o diretor não gostou do trabalho, tem que ficar até mais tarde!

E o meu filho, Eduardo, tem 20 anos. Ele está fazendo medicina na UNISA... Ele é muito quieto, mas aparentemente também gosta muito de medicina – e há muito tempo... Acho que ele vai se sair bem! É claro que está bem no começo, engatinhando... E é claro que eu

queria muito que ele tivesse entrado na Paulista. Nunca abri a boca, mas fiquei chateado... Ele também queria muito estar aqui! Acho até que queria mais do que eu!

Infelizmente, nos dois anos que ele prestou, sempre tinha branco em uma das provas. Ele é um bom aluno, vai super bem em algumas provas, mas dá essas falhadas... Ele tinha tanta convicção de que iria entrar que fez questão de não tirar a carta de motorista, pois viria a pé... Mas, depois de duas tentativas, eu e a mãe dele fizemos um trabalho para ele ver que está tudo bem e achamos que seria melhor ele cursar na UNISA. Felizmente, parece que ele está se dando muito bem!

Lá tem uma coisa parecida com a universidade do ABC onde dei aulas: os alunos se dedicam e aproveitam muito mais o curso e os professores. Quando estão na USP ou na UNIFESP, alguns alunos acham que não precisam se preocupar mais... Aqui, algumas vezes, ficam comendo, falando no celular, com o pé em cima da cadeira... E, pelo que avalio pela Fapesp, parece que na USP é ainda pior.

É claro que estou comentando genericamente, porque existem grupos de alunos muito bons. Mas, às vezes, dar aula desse jeito desanima. Lembro que o saudoso professor Osvaldo Ramos – que considero um dos grandes do meu tempo, um indivíduo fantástico e influente – dizia muitas frases, e uma delas falava que, se você pegasse um macaco e o colocasse no primeiro ano daqui da escola com o avental, ele se formaria... A frase é divertida, claro, mas a constatação não é.

Naquela época, isso realmente existia – e talvez exista até hoje, infelizmente... Eu fiz parte de uma comissão de alunos problemáticos, o que é uma coisa muito triste que ocorre por aqui, até com caso de esquizofrênico... O aluno vai passando, passando e passando, e o deixam chegar no sexto ano. Quando falta um semestre pra concluir, temos que lidar com um pepino enorme.

Mesmo assim, a medicina é a profissão mais bonita que existe, a que dá maior gratificação íntima... Quem gosta, deve fazer! O que espero é que os futuros médicos procurem exercê-

la bem e que se preparem para nunca parar de estudar! Espero que aproveitem, façam atividades extracurriculares, aprendam inglês, que hoje é a língua da ciência... E espero, também, que sejam muito éticos!

Hoje, o médico também precisa ser muito honesto, porque vivemos uma situação absolutamente deturpada com esses planos de saúde, tanto privados governamentais. Na minha especialidade, quando o paciente tem uma doença que deforma o tórax, fazemos uma operação que demora seis horas e o doente fica de cinco a seis dias no hospital. O convênio paga de 600 a 800 reais para toda a equipe de operação, e 8.000 reais pela barrinha de titânio que eu uso para ajudar o esterno não afundar. Em outras áreas, isso é ainda mais desproporcional. Então, o médico passa a viver em função de uma porcentagem que recebe da empresa fornecedora – e o preço do equipamento, evidentemente, já inclui todas as propinas...

São coisas difíceis, de maneira geral, e difíceis, também, para mim. No caso da Escola, nesses anos todos, a partir da criação da disciplina de cirurgia torácica, tive que ficar o dia inteiro negociando tudo e correndo atrás de diretoria do hospital... Nessa época, me colocaram numa comissão para avaliar as livre docências, em outra para analisar o currículo nuclear, em mais uma de revalidação de diploma de estrangeiro... Quando surgiu a UNIFESP, sempre precisavam de alguém do departamento de cirurgia pra criar o estatuto e o regimento... Então, grosseiramente, passei uns dois anos tendo reuniões o dia inteiro. Acho que fiquei quase esse tempo todo sem operar.

Esse é um conselho que tenho dado para alguns colegas que viraram titulares agora, ou mais recentemente: para nunca participar de todas as comissões. Existe uma tendência da reitoria de usar as mesmas pessoas, sempre... Acho importante essa participação na atividade administrativa, mas tem que ter um freio.

Outro assunto que tenho questionado muito é a questão da expansão. Mas vou começar a falar disso por uma outra parte: os hospitais. O primeiro hospital que a Escola Paulista assumiu foi o de Vila Maria – e eu, por acaso, era chefe do departamento em exercício na

ocasião. O professor Helio Egidio chamou a gente para dizer que a Escola precisava assumir e que isso não iria causar prejuízo nas atividades daqui. Anos depois, a EPM está administrando diversos hospitais. Alguns longe, que não nos afetam. Alguns perto, que, na minha opinião, nos afetam sim.

Eles estão recrutando médicos sem sequer questionar – até sem pedir a opinião da disciplina. Hoje, dois ou três dos meus melhores médicos têm se dedicado prioritariamente a esses hospitais. Entendo que eles tenham arrumado um emprego muito bom, onde ganham mais... Só que aqui, na nossa casa, ficou um buraco! Também tinha uma professora que era fundamental na disciplina, e que nos primeiros anos, inclusive, me ajudou a manter um nível de papers bem razoável. De repente, essa doutora foi convidada a assumir diretoria clínica de três hospitais de fora... Ninguém pediu minha opinião! Ninguém. Então, sinto um buraco enorme na minha disciplina e acho um absurdo. Já manifestei isso publicamente e em particular, porque acho absurdo mesmo. Ao mesmo tempo, vemos indivíduos – maus profissionais, que excluímos da disciplina – empregados no hospital, no convênio...

Parece que esse crescimento tem sido muito bom para as contas do hospital – o que todo mundo acha ótimo! Mas eu discordo veementemente da forma como as coisas são feitas. Alguém convida alguém e enfraquece a disciplina! O Graac, por exemplo, tem uma postura muito mais inteligente, até porque acabou aprendendo isso... Eles nos procuram, pedem nossa colaboração, indicação... Outros grupos não. E tenho essa reserva com relação a isso. Não à parte política, de organizações sociais... Isso eu acho perfeito! Só lamento a forma como isso tem sido feito.

O que vemos é que tem um indivíduo mais poderoso que qualquer um, que só responde ao reitor e tira pessoas como e quando quer! Até hoje, ninguém descobriu quem assinou o comissionamento dessa professora que perdemos. O diretor do hospital não assinou, o chefe do departamento de cirurgia não assinou... Até hoje ninguém sabe! Acho que todo mundo tem o direito de ganhar dinheiro, realização profissional ou qualquer outra coisa... Só que, em uma disciplina de cinco docentes, a saída de um deles deixa um buraco enorme!

Com relação aos campi da UNIFESP, eu realmente fiquei em dúvida. Quando isso foi colocado para o Conselho Universitário, foi sempre colocado nos seguintes termos: que tínhamos que assumir, que abranger mais áreas, porque, se não, outro assumiria. Discuti isso com o reitor muitas vezes, e acho que ele me convenceu que isso tem sido importante. Mas o que acho absurdamente ridículo é que se mantiveram as estruturas da Escola Paulista de Medicina! O Conselho Universitário, por exemplo, é o Conselho Universitário da Escola Paulista. Isso está esvaziando as reuniões dos órgãos administrativos... Quando vou à reunião do conselho, os assuntos a discutir são o campus de São José dos Campos, o concurso de Osasco, os problemas de Diadema... Raramente algum assunto me interessa e sei que isso se repete com outros professores.

Tenho saudades da velha congregação da EPM! E acho que vamos ter que evoluir para ter, de novo, a Escola Paulista de Medicina e a congregação da Escola Paulista de Medicina. As outras unidades que também tenham suas diversas congregações, e que depois todas se reúnam! É claro que o reitor sabe disso e parece que é a próxima providência que ele vai tomar...

De qualquer forma, acho que só o futuro vai poder dizer se a expansão vai ser boa ou não vai. Provavelmente sim, porque nós vamos poder trocar figurinhas em áreas tecnológicas, como fazemos com outras universidades por causa de relacionamentos pessoais... Mas a forma como isso está sendo administrado agora é um caos, com Conselho esvaziado, entidades corporativistas, falta de discussão de assuntos importantes...

A razão de eu me preocupar tanto com isso é simples: para mim, a Escola Paulista de Medicina é tudo! Escolhi estudar aqui, me formei aqui, minhas atividades extracurriculares foram feitas aqui... Tive várias chances de ir para outras universidades, desde o vestibular até hoje... Mas sempre quis ficar e sempre vou querer! Não consigo me imaginar fora da Escola.

Claro que tenho sentido muito pelas dificuldades atuais... Fico muito triste. Recentemente, estava na banca de um concurso para professor titular na USP e deu uma dorzinha no peito de ver as condições de trabalho, o salário dos professores... Aqui, tudo está defasado. Minha secretária, nesse momento, está vendendo roupa, sapato, produto da Natura... E a gente finge que não enxerga! Acho que estamos sendo muito exigidos e ganhando muito pouco.

Minha filha do meio fala muito em ir para o exterior – o que é uma tristeza e passa pela cabeça de muitos jovens desse país... Mas acho que estou em uma das poucas épocas da minha vida em que consideraria a possibilidade de ser professor visitante lá fora se recebesse um convite... Não tenho mais idade para grandes aventuras, nem pra mudar minha vida completamente, mas iria pensar na proposta, apesar de adorar a Escola Paulista...

Em tudo o que faço, em todas as minhas publicações, em todos os meus trabalhos, coloco o símbolo dessa Escola. Quando saio daqui, coloco o button no meu paletó. E realmente uso de coração! Não é proselitismo, mas realmente me orgulho de tudo o que ela tem de bom!

A situação atual tem que mudar com urgência. Está muito difícil trabalhar no hospital! Sabemos que ele está sendo saneado, mas sabemos também que o meu assistente, que hoje trabalha em Diadema, tem um aparelho melhor que o meu e mais facilidades de internar o paciente... Então, está melhor trabalhar lá do que na nossa casa!

No que diz respeito à UNIFESP, acho que sempre existiu “o primo rico e o primo pobre”: algumas disciplinas ou departamento que tinham muito dinheiro e produziam muito, e outros que produziam menos. Mas, com o tempo, surgiu uma progressão geométrica! Alguns professores dizem que trabalham em condições excepcionais. E trabalham mesmo – até por mérito próprio, de conseguir verba e espaço físico por outras vias... Conseguem até bolsas para si, e, conseqüentemente, melhores condições de vida!

Mas, do outro lado, estão os primos pobres, que só vivem do salário da Escola, que não têm boas condições de trabalho e que, fazendo projetos clínicos, têm muito mais dificuldade para conseguir auxílio da Fapesp, por exemplo! Esse desnível, aqui dentro, foi ficando muito marcante... Não ponho a culpa só nos ricos, mas também nos pobres... Outro problema é o tamanho dos departamentos. Alguns deles têm apenas uma disciplina. Outros têm dez! É o caso do meu, com dez disciplinas: cirurgia infantil, anestesia, cirurgia torácica, cirurgia cardíaca, urologia, gastroenterologia cirúrgica, tecnico-operatório... É um departamento gigantesco, que envolve toda a cirurgia, e está muito pouco privilegiado nesse contexto.

O Conselho Universitário, hoje, realmente não pode fazer nada por ninguém. Mas a antiga Congregação tinha que acertar isso aqui, pelo menos ajudando os mais fraquinhos. A pró-reitoria estabeleceu que todo curso de pós-graduação tem que ter nota 5 na avaliação da Capes – se não, fecha o curso. Mas é preciso ajudar aqueles que têm nota 4! Em vez disso, acontece um Robin Hood ao contrário: os ricos estão ficando cada vez mais ricos, com mais professores que entram pelas vagas de aposentados de outros lugares... Não estou negando o mérito de ninguém, mas isso vai criar uma distorção do tamanho de um bonde.

Estou falando em meu nome e não tenho nenhuma atividade política... Mas acho que no hospital, ou nas cadeiras clínicas que militam no hospital, se encontra unanimidade em 80 ou 90 % das coisas que eu falei... Sobre os problemas do hospital, a falta de boas condições de trabalho, a dificuldade de operar... Estamos numa fase de transição e temos que entender, mas sofreremos bastante: nós, a urologia, a anestesia, a cirurgia infantil...

Na minha especialidade, o residente fez dois anos de cirurgia geral, mais dois anos de cirurgia torácica. Se quiser ir para outras – transplante de pulmão, cirurgia em criança, ou mesmo videotoroscopia –, precisa de pelo menos mais um ano. E, depois de toda essa preparação, ele vai para Diadema e deixa a nossa casa descoberta! Entendo que é melhor profissionalmente e que eles estão felizes no AC. Camargo ou no Pérola Byington... Mas tenho lamentado, porque eles são bons, fortes e eu os queria aqui!

Algumas coisas foram grandes conquistas políticas! O professor Zé Roberto, por exemplo, conseguiu a contratualização: hoje o hospital recebe um valor e tem que trabalhar dentro dele com determinadas metas. Então, como ganha o mesmo operando 500 ou 2000 pessoas, prefere operar poucos pacientes, com pouco material, para ficar no azul. Por outro lado, como somos um hospital de ensino e precisamos ensinar e operar as coisas complexas! Hoje, nem se eu trouxer meu equipamento e implorar por uma vaga, vou conseguir... É triste o cenário...

Esforço-me para que essas coisas sejam corrigidas... E acho que, no futuro, se alguém se lembrar de mim, será como um menino que se esforçou muito... Um menino que foi mal humorado e chato, também... Mas que foi, principalmente, honesto e esforçado. Às vezes, repassando essa trajetória, percebo que não consegui fazer muita coisa do que pretendia e sei que meu gás diminuiu muito desde a época em que entrei aqui... Eu tinha muito mais ânimo! Mas não acho que minha carreira está encerrada... Não está. E tenho muita coisa para fazer!